



"Salvem-me!"

Para socorrer este canguru, uma família teve de unir forças – e depressa

POR ANN HARTH

ERA SÁBADO. Lutando para sair do meu estado de sonolência matinal, eu ouvia uma mistura fraca de sons que ecoavam pela nossa pequena casa de madeira. Uma vaca mugia ao longe e, por um momento, confundi aquele som com os roncossuaves de meu marido, Chris, que dormia ao meu lado. O zumbido metálico vin-

do do *walkman* de minha filha era sinal de que ela já estava de pé e se arrumando para ir trabalhar. Do lado de fora, embaixo da minha janela, o barulho dos caminhões de brinquedo do meu filho e os pulos aqui e ali de *Phoebe*, nosso pequeno canguru-fêmea órfão, de 7 meses, eram a garantia de que o caçula de 9 anos, Jarrod, também estava bem.

Desliguei o rádio-relógio mais uma vez e caí no sono. Momentos depois, um grito aterrorizado de Jarrod quebrava a paz.

Botei os pés no chão na mesma hora e atravessei rapidamente o quarto. Atrás de mim, os passos apressados de meu marido e de minha filha, Becky, não conseguiam abafar o som ofegante que acompanhava a histeria no quintal.

Um cão selvagem? Uma cobra? Vespas? Quem estaria machucado?

Meu filho ou o seu canguru? Desci os cinco degraus voando e saí correndo. Os dois atrás de mim pareciam soldados. Ninguém falava nada. Segui o som dos gritos até a frente da casa e vi o rosto vermelho e os olhos cheios de lágrimas de Jarrod. Ele estava desesperado, mas sem nenhum ferimento. Apontou para debaixo da casa.

Meus olhos acompanharam seu dedo trêmulo e pude ver algo se movendo, enrolado num pêlo marrom, até que as costas de meu marido bloquearam minha vista.

ça, enquanto minha filha tentava desenrolar a espiral musculosa enroscada no corpo de *Phoebe*. Eu agarrei uma das voltas e a puxei, enquanto Becky puxava outra.

– Rápido, Jarrod! Segure o rabo da *Phoebe*.

Ele obedeceu. Os soluços de Jarrod se transformaram em arquejos à medida que ele lutava para encontrar sua amiga debaixo das curvas que a apertavam. Braços, mãos, serpente e canguru se emaranhavam, enquanto os humanos lutavam contra a serpente. Vi os dentes brancos

A cabeça da cobra estava presa à perna de *Phoebe*. Ela estava paralisada de medo.

– Ela está comendo a *Phoebe* – meu filho soluçou.

Rapidamente, peguei Jarrod no colo e o afastei daquela visão: uma serpente marrom e amarela de três metros espremia o corpo da pequena amiga marsupial de meu filho.

– Mamãe, ajude! – gritou Becky.

Olhei por cima do ombro de Jarrod e imediatamente o larguei no chão.

– Ai! – gritou ele.

Corri para a batalha. Meu marido tinha agarrado e virado a cobra, que se contorcia, até encontrar-lhe a cabeça e os dentes presos firmemente na perna de *Phoebe*.

O canguru estava paralisado de tanto medo.

Meu marido segurava próximo à cabeça da cobra e apertava com for-

afiados de *Phoebe* se cravarem na carne de alguém. Acho que não foi na minha e tenho certeza de que não foi na da cobra.

Os olhos esbugalhados de *Phoebe* voltaram lentamente ao normal à medida que nós afrouxávamos a serpente em volta de seu torso. Meus dois filhos seguraram o canguru, enquanto eu pegava o corpo da cobra e meu marido agarrava a cabeça.

Então, Chris foi até a varanda. O que poderíamos fazer senão ir correndo atrás dele? Ele pressionou a mandíbula da serpente contra a quina de uma pilastra e forçou a abertura de sua boca para que ela soltasse *Phoebe*.

– Nem pense em largar esta ponta – avisei, pois sentia a força do corpo que se contorcia em minhas mãos.

- Você a pegou! - alguém gritou.

Minha filha segurou *Phoebe* com firmeza. Gotas de sangue salpicaram o pijama dela.

- Pegue um gorro e uma fronha - pedi.

Jarrod desapareceu e voltou com ambos.

Phoebe enfiou-se no gorro e logo se encaracolou como uma pequena bola, enquanto meu marido e eu mergulhávamos a serpente na fronha. Em seguida, ele sacudiu a fronha e deu um nó. Aquela serpente seria entregue mais tarde ao parque nacional que ficava a poucos quilômetros de distância.

Depois que a perna de *Phoebe* foi limpa, imobilizada e ela já estava aconchegada nos braços de seu melhor amigo, Chris me olhou e deu um largo sorriso.

- Bom dia! - disse ele.

Phoebe se recuperou e nós a devolvemos à vida selvagem.

Essa história foi publicada originalmente na edição australiana de Seleções. Se você também tem uma boa história para contar, envie-a para os endereços da página 8. Você ainda pode receber até R\$ 400 se ela for publicada.

TOLERÂNCIA ZERO

- Sujeito entrando numa agropecuária:
 - Tem veneno para rato?
 - Tem! Vai levar? - pergunta o balconista.
 - Não, vou trazer os ratos para comerem aqui!
- No caixa do banco, o sujeito vai descontar o cheque:
 - Vai levar em dinheiro?
 - Não! Em cliques e borrachinhas!
- Sujeito no elevador (na garagem do subsolo):
 - Sobe?
 - Não, esse elevador anda de lado.
- O sujeito apanhando o talão de cheques e uma caneta:
 - Vai pagar com cheque?
 - Não, vou fazer um poema para você nessa folhinha.
- Sujeito no caixa do cinema:
 - Quer uma entrada?
 - Não, não, é que vi essa fila imensa e queria saber onde ia dar!

